



# Gaiato



**PORTE PAGO**

Quinzenário

23 de Fevereiro de 1991

Ano XLVII — Nº 1225 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

# Pai Américo

## Processo de beatificação

**A** quinta semana do Tempo Comum é iluminada pela carta de S. Paulo aos Gálatas cuja «intenção — no dizer de S. Agostinho — é fazê-los compreender que a graça de Deus os libertara do jugo da Lei (...) e só a graça da Fé que actua pela Caridade, pode justificar».

«Antes que viesse a Fé — escreve o Apóstolo — estávamos sob a protecção da Lei de Moisés, prisioneiros dela, na expectativa da Fé que havia de ser revelada. Assim, a Lei serviu-nos de guia até à vinda de Cristo, para sermos então justificados pela Fé. Ora depois que veio a Fé, já não estamos sob o domínio desse guia. Porque todos vós sois filhos de Deus pela Fé em Jesus Cristo». E em outro lugar: «Se pertenceis a Cristo, sois também da descendência de Abraão, herdeiros segundo a Promessa».

O Evangelho é a Boa Nova desta libertação, da vontade de adopção de Deus que quer de cada homem um filho e com todos os homens constituir uma Família que O tem por Pai. Por isso a Igreja, que é Mãe, reza durante esta semana: «Senhor, nós te pedimos: guarda a Tua Família com contínua piedade, para que ela, que se apoia só na esperança da Graça celeste, seja munida sempre da tua protecção».

Na exclusividade deste apoio como opção fundamental da parte do homem, está a garantia da permanente protecção de Deus, da contínua piedade com que Ele olha o homem. Aliás, já o Salmista o tinha dito: «Feliz o homem que põe toda a sua confiança no Senhor! Será fecundo como a árvore plantada à beira de um rio».

É neste quadro de liberdade interior, de total e irreversível adesão a Cristo, de um «morrer» que é «esconder a vida com Cristo em Deus» tal como se esconde na terra a semente que há-de multiplicar-se em frutos — eis a natureza do «homem novo» renascido pela Graça — é neste quadro litúrgico que principia o seu curso o processo de beatificação de Pai Américo, com a constituição do Tribunal que o há-de preparar para que a suprema instância o julgue. E diz tão bem o quadro com

aquele que vai ficar no centro, alvo do olhar prescrutador dos a quem compete o juízo! O Américo, à semelhança de Paulo, é um homem «destinado desde o seio materno que, quando aprovou a Deus, Ele chamou pela Sua graça, para nele revelar o seu Filho, para que ele o anunciasse aos homens» pela força da «Fé que actua pela caridade». Também ele «não consultou a carne e o sangue», nem à partida nem ao longo da sua vida de sacerdote de Cristo. Posto em marcha pelo vigor de uma «martelada» divina, continuou até ao fim «impelido» pelas moções do Espírito, sempre «fundado exclusivamente na esperança da Graça celeste», tantas vezes desconforme dos critérios da carne e do sangue.

Por isso foi luz que ajudou tantos a ver «à Luz de Deus»; e «o seu caminho é como a luz da aurora cuja claridade vai crescendo até ao pleno dia. (Prov. 4/18)».

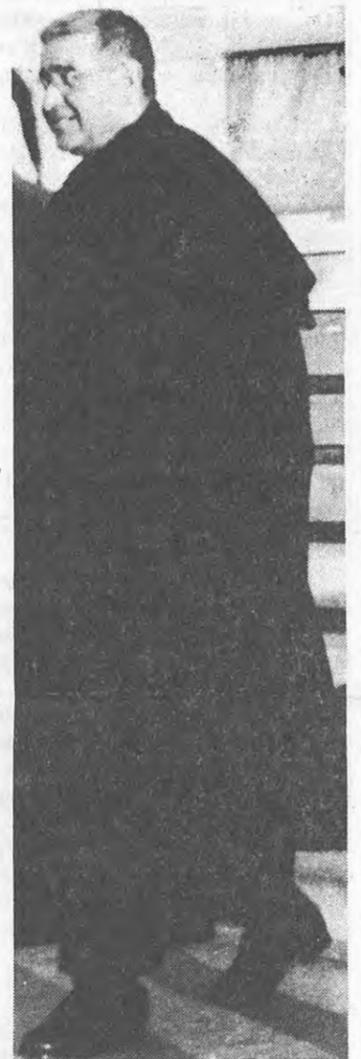
Só por isso alcançou tamanha audiência na proclamação da «mensagem que ouvistes desde o princípio: Amemo-nos uns aos outros (IJo 3/11)», a qual resume toda a Lei e resplandece no Evangelho de Jesus Cristo que lhe dá o fulgor zenital e um diuamismo novo, ao acrescentar-lhe: «como Eu vos amei».

Só por isso acordou tantos adormecidos para a vigília perene do amor (motivando tantos gestos heróicos que só Deus conhece!), ao provar, pela coerência e fecundidade da sua vida, que sem Caridade não há verdade na Fé e sem Fé não é possível a Caridade.

Aquele nosso correspondente de há duas quinzeas que nos pedia um jornal menos religioso e mais social e a outros que julguem pensar o mesmo — todavia seduzidos pela voz e pelo exemplo de Pai Américo — saibam de onde lhe veio o perfume que os inebria, a partir deste retrato de linhas firmes que ele faz de si próprio, ao deixar aos seus continuadores esta palavra de ordem: «Apaixonados de Cristo, podem não ter carismas sensíveis nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas são da mesma paixão e gastam-se, como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo».

Recordem a toda a hora que sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível. Neste sentido o padre da rua não aceita dúvidas. É um obreiro do Senhor que vê a Obra feita antes de começada».

Padre Carlos



# PARTILHANDO

«Prezado amigo: Saúde».

Quando a Associação Comercial de S. Paulo deu o primeiro passo para ajudar crianças abandonadas, dei-lhe ciência.

O amigo mandou-me um cartão muito carinhoso, que dizia: 'Fiquei contente com a primeira plantação! E que Deus o ajude. Ajudará. Importante termos fé e andar para frente'.

Outra casa já foi acrescentada. Não são creches. São lares substitutos, onde somente 8 ou 9 crianças estão cuidadas por um casal a quem chamam pais. Exatamente com se fossem filhos.

Parece que V. antevia que Deus ajudaria. Mas quantas dificuldades e decepções pois os homens que mais têm, são exactamente aqueles que se fecharam. Alguns abnegados foram

## As nossas sociedades perderam a capacidade de olhar as crianças e de lhes proporcionar a ternura de que precisam para crescerem

em frente. Não conhecia de facto os «ricos de dinheiro e pobres de espírito!» Decepionei.

Não há dúvida que outras casas virão!

Lembra-se da visita e do que conversámos na vossa Casa do Gaiato no dia 5/10/86?

Foi lá e naquele dia que a sementinha foi lançada. Pode dizer que a Obra do Padre Américo já deu também frutos no Brasil!

Um abraço.  
Carlos Nascimento  
S. Paulo 5/12/90»

Meu bom amigo:  
Reli, mesmo agora, a sua bela carta.

Respondo-lhe dum canto da estrada Covilhã/Serra da Estrela, enquanto os nossos gaiatos distribuem o jornal na cidade.

Caíu um grande nevão e continua a leve dança dos flocos. Maravilha de Deus que enfeitou de brancura as árvores da floresta que os homens queimam nos incêndios do Verão.

Lembrei que os vossos lares são pequenos nevões na grande extensão da terra queimada dos homens.

As nossas sociedades perderam a capacidade de olhar as

crianças e de lhes proporcionar toda a ternura de que elas precisam para crescerem.

O vosso exemplo é maravilhoso! Um oásis nesse «mundão» de crianças abandonadas!

Que não vos falte a coragem, a fé e, direi mesmo, o atrevimento de fazer cair neve no vasto campo de tições enegrecidos.

Tenho diante de mim, enquanto lhe escrevo, a foto dos dois meninos presentes na reunião plenária da Associação Comercial de S. Paulo. Ao lado dos grandes, como dedo apontado ao futuro, onde brilha a estrela dos vossos lares!

Antes de terminar, lembro a sua expressão: «Exatamente como filhos».

De facto, esta é a meta que terão de atingir todos aqueles que se dedicaram às crianças. Amar como os verdadeiros pais amam. Também os mais carenciados e repelentes...

Sem este amor serão vãos todas as paredes e todos os telhados bonitos.

Um abraço cheio de carinho e amor para si e vossos meninos.

Padre Telmo

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**NÓMADA** — É um caso *sui generis*. Quando aflorou, procurámos solução (complementando a acção de quem se dispôs, primeiro, a dar a mão), por intermédio daquele vicentino que tem o dom de se ocupar de problemas difíceis.

O homem já estava em fase de recuperação, de integração no meio. Era só preciso um abrigo condigno. Surge a ocasião. Entretanto, não resiste às cópitos... e prevarica mesmo contra quem o ajuda. O descalabro! Ninguém, tampouco o vicentino, atenua o choque. Nesta emergência, inclusivé, teríamos quem fornecesse, ao nómada, alimentação diária.

Volta a prevaricar. Marginaliza-se (de vez?). Desaparece. Abandona os companheiros: Morre o gato. O cão sobrevive até à exaustão, espera pelo dono que não regressa e anda, por lá, à procura de comida e pernoita à entrada da residência. O exemplo dos animais!

O vicentino aguarda... para ultimar a sua acção. Traz a esposa e faz uma barreira à moradia. Se o homem não aparecer..., a casa será para outro — sem tecto.

Em colóquios e seminários..., o problema da marginalidade está na ordem do dia. Felizmente, não abunda nesta região. A não ser, esporadicamente, um ou outro migrante.

Temos uma leitura própria, do caso vertente. É necessário ir ao fundo, catar razões: Ele fora um profissional distinto. Desloca-se à Alemanha para um curso de formação. Porém..., a mulher deixa-o. Corre mundo. Faz-se nómada. Eis a doença, que gera outras maleitas. Agora, repellido, desaparece. O mundo não compreende porque é que ele é assim.

Em suma, procurámos remar contra a maré. Tanto que o vicentino, interpellado, faz doutrina. Põe os pontos nos *is*. E demonstra, por a+b, os motivos da marginalidade.

**PARTILHA** — Vinte contos, em discreto sobrescrito, que o nosso Padre Carlos trouxe, de algum(a) tripeiro(a). «Migalha», de Ferreiros (S. Braz de Alportel). Mil, de «velha Amiga da Figueira» — de Castelo Rodrigo. Cheque, de Setúbal, pedindo desculpa (!) de «ir atrasado, mas não foi possível mandá-lo antes, destinado à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, para uma viúva com

filhos ou para o que for mais preciso». Assinante 3107, de Lisboa, 1500\$00. O dobro, da assinante 9708, de Coimbra, para «ajuda da despesa com medicamentos para os Pobres, por alma de meus pais». Outros mil, da assinante 13245, do Porto, lembrando «uma viúva necessitada». Mais dez contos, da assinante 7796, de Coimbra, «pequena ajuda para múltiplos problemas e aflições; de viúvas, velinhos? Como queiram e acharem melhor». Esta amiga, doente, lamenta insuficiências nos departamentos de Saúde Pública e interpela-se: — Como serão tratados os simples, os mal vestidos que não sabem defender os seus direitos? Os que não têm voz? Termina: «Como se tudo o que aflige o mundo (miséria, fome e brutalidade) não bastasse, temos agora a guerra no Golfo a ensombrar o mundo inteiro!» Fecha a procissão a perseverante assinante 31104, da capital, com a partilha de sempre e muito amor a quem precisa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**AGRICULTURA** — O tempo da sementeira das batatas está a chegar. Preparámos as terras para receber o que virá a ser mais tarde o fruto do nosso trabalho. As hortaliças, especialmente as couves, estão com um lindo aspecto.

**PINTAINHOS** — Recebemos pintainhos, de Tomar, que fazem as delícias dos responsáveis do sector, pois necessitam de cuidados, atenção — como qualquer ser vivo merece.

**OBRAS** — Além das da casa-mãe, paradas pela indisponibilidade do pedreiro, há outra em curso: uma casa encostada à Capela e destinada a acolher casais em períodos de férias. Estamos a dar o possível para estar pronta a tempo e seja um lar acolhedor.

**CARAS NOVAS** — Recebemos novos irmãos que bem precisam de um lar, pois somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Como tal, devemos torná-los membros da família a que pertencemos.

Um, é de Trás-os-Montes; três, de Aveiro; outro, de Miranda; e mais outro, de Coimbra.

Esperamos que se sintam em casa.

**SENHORAS** — O problema que está a afligir a Obra da Rua é a falta de novas Mães para cuidarem de nós e tornar a comunidade uma família mais rejuvenescida. As que estão connosco são já muito idosas e precisam de descanso. Por isso, apelamos a senhoras disponíveis que queiram dedicar-se à nossa Obra — que bem precisa delas.

Carlos Zé

## PAÇO DE SOUSA

**DESPORTO** — Começando pelo futebol, a equipa vizinha das Cavadas convidou-nos para um desafio. Saíram vitoriosos. Ao intervalo, 1-1.

Mas, na segunda parte, aconteceu o inesperado: 2-6. Bem o mereciam!

**KARATÉ** — Os karatecas fizeram exame para passar de cinto. Ficaram aprovados. É bom saber isto porque estamos a esforçar-nos para sermos bons karatecas.

**COZINHA** — Recebemos um irmão mais velho, António Henriques, para tomar conta da nossa cozinha.

As senhoras estão cansadas. É da idade. Quem dera muitas como ele e elas!

**HORTA** — É lindo ver as couves a crescer para que as nossas refeições sejam apetitosas.

**OBRAS** — Os pedreiros continuam nas obras do muro, perto da vacaria, e no acabamento doutras, muito importantes para a comunidade.

Artur

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Mísseis, tanques, guerra química e bacteriológica, ódio, destruições maciças, «guerra santa», etc., são o «prato forte» da nossa informação diária.

Tudo isso está em oposição às palavras simples e concretas do Divino Mestre: «Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz».

Neste mundo conturbado mais uma vez é lícito verificar que só em Deus e na Sua maravilhosa harmonia é que o homem pode encontrar a alegria de viver. Essa alegria está mais no dar que receber, no amar o próximo (amar é dar-se), nas lições dos simples e puros.

Cada um de per si terá que encontrar o rumo, terá que fazer a escolha, terá que descobrir aquilo que Deus quer que ele faça. Deus deu-nos essa liberdade que tantas vezes é vilipendiada.

Uma das preocupações de uma das

nossas velhinhas, apesar de se mover de joelhos e ter 84 anos, é ser útil aos outros. A sua grande preocupação é depositar bens no Banco da Divina Providência para mais tarde usufruir os juros do bem realizado nesta vida terrena — como ela gostosamente gosta de dizer. Por isso, reza incessantemente por todos, especialmente por aqueles que ela considera que foram seus inimigos. Isto são páginas vivas do Evangelho! A Caridade é a mãe de todas as virtudes. Esta velhinha nada tem de seu, apenas pode dar amor através da oração.

**Do que nos deram:** Assinante 8004, 5.000\$00 e roupas; mais mil; mais 5.020\$00 (da Conferência Feminina de S. Cosme—Gondomar); mais 2.000\$00 de alguém. Maria Bernardete, 20.000\$00 para o leite das gémeas. Assinante 23695, 4.000\$00; mais 5.000\$00 de alguém; mais 15.000\$00 de assinante de Pinhal Novo; mais 5.000\$00 da Conferência de S. Cosme e S. Damião, de Gondomar.

Um vicentino

## Tribuna de Coimbra

Hoje foi um dia de reflexão para os sacerdotes da cidade e seus vizinhos. No fim do almoço houve uma hora livre. Fui rua acima e virei para a rua da Trindade. Procurei caminhar pelas ruas e becos que Pai Américo percorreu muitas vezes e por onde encontrou o seu Cristo sofredor que o apaixonou para sempre.

A primeira paragem, junto ao edifício onde foi o primeiro Lar do Ex-Pupilo. A casa está velha e sem vida. Segui e desci aos Palácios Confusos. O aspecto é o da confusão de sempre. Depois, beco e rua de S. Cristóvão. A degradação das casas e das pedras da calçada faz sofrer. Subi até ao largo da Sé Velha. Quando ia pôr o pé no primeiro degrau apareceu uma Criadita dos Pobres. Elas têm ali perto a sua Casa-Mãe que é o seu ninho. Esta Criadita já há semanas nos tinha exposto a situação de uma família. São sete filhos pequeninos. Os pais embriagam-se e embriagam os filhos. A mãe, de noite, sai de casa e vai para o mundo. Há três dos filhos, meninos, que é necessário salvá-los. O serviço social tem feito inquéritos. O Tribunal está informado. Enchem folhas de papel e prometem muita coisa, mas... não andam. Disse à Irmãzinha que nos trouxessem os meninos.

Entrei na Sé. Estava com as luzes acesas. Não havia ninguém lá dentro, só o Senhor. Tomei rumo à rua do Cabido. Encosta acima até S. Salvador. Virei para a rua do Loureiro e depois travessa da Matemática. No largo do cruzamento ouvi o meu nome. Eram três mulheres a aquecerem-se na réstea do sol que então fazia. Recordaram a passagem de Pai Américo naquele lugar. «As esmolas que dava aos Pobres! Aqueles tempos de mais miséria que agora.» Falaram-me em alguns gaiatos que por ali vivem. «Quase todos são bons e vivem bem.» Agradei as boas notícias e seguí.

Desci à Couraça e recordei fundos de casas e famílias a viver e a morrer nelas. Cheguei à rua da Matemática e fiquei algum tempo junto da casa onde foi a Sopa dos Pobres, primeiro trabalho apostólico confiado a Pai Américo, onde ele sentiu a fome e a dor dos que a têm. A sua grande Escola.

Quando cheguei à sala de reuniões o tema da reflexão foi sobre o ministério do amor. A caridade vivida como irmãos, sobretudo com os mais pobres.

Nesta tarde tudo me pareceu um sinal sensível de que devo continuar a pregar e a viver a vida de Jesus Cristo pobre e presente em todos os Pobres. Prometi.

Padre Horácio

## RETALHOS DE VIDA



### «GANCHO»

Eu chamo-me João Fernando Pereira da Silva Dantas. Os companheiros tratam-me por «Gancho».

O meu pai separou-se da minha mãe. Ela vai para Espanha e fico ao cuidado da minha tia que prepara os papéis no Tribunal de Menores.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, com 12 anos; mas, entretanto, estive com um antigo gaiato, conhecido por «Coradinho».

Gosto muito de estar por cá. Desde que cheguei, mudei muito a minha vida. Para o futuro quero ser carpinteiro porque gosto dessa profissão.

João



Em horas de lazer, a Natureza revigora o corpo e o espírito.

# Do que nós necessitamos

À medida que o tempo passa, a Obra da Rua vai escutando o apelo que vem da raiz para que não perca a direcção no seu caminhar. Tudo o que é verdadeiramente grande, humano, é gerado no silêncio, na humildade, escondimento do que há de mais profundo na pessoa. Na pequenez de Pai Américo revelou-se a grandeza dum projecto: a Obra da Rua. O alimento desse projecto há-de ter o mesmo sinal. São tantos os testemunhos que nos chegam todos os dias! Ei—los:

«No dia 11 festejei os 50 anos da consagração a Deus na Congregação. Pedi à minha superiora que as ofertas que tivesse fossem para a Obra do Padre Américo. Aí vai o cheque. Peço a Deus que abençoe os Rapazes e os seus Padres, as Senhoras e todos os que contribuem para que a Obra da Rua e suas iniciativas sejam cada vez mais fecundas e mais fortes. No vosso jornal, de que gosto muito, faço uma leitura do Evangelho na sua aplicação à vida dos Pobres. Sinto-me feliz, como pobre que sou, em poder contribuir em nome da minha comunidade com esta pequena oferta para a vossa Obra. Estamos na presença de valores que o mundo desconhece e há que trazê-los para a luz do dia.»

## Pedras preciosas

Mais: «Incluo uma pequena migalha para o que melhor entender. Como é pequena a minha reforma e tive de arcar com muitas despesas (saúde de minha esposa) não posso dar mais». Autênticas pedras preciosas a dizer onde está a riqueza da construção; onde a segurança do alicerce; onde a certeza do futuro.

«Junto um vale de 17.000\$00 que recebi da minha primeira reforma por invalidez.» Que dizer? Quem é capaz de entender por força da luz natural? Como não sentir o apelo da raiz? Não sei nada! Deixai-me contemplar a maravilha da luz do Sol!

«Para tapar o buraco mais aflitivo vai esta migalhinha de uma professora reformada.» Que mensagem sublime! Numa época em que, a propósito de salvaguardar a dignidade da função se buscam maiores e melhores proveitos materiais, sabe bem escutar a mensagem da gratuidade da vida, num campo em que a missão assumida por amor é tão necessária. Se fosse só uma, já valia a pena. Mas são muitas: «Junto envio um cheque que representa 30% do meu primeiro mês de pensão por incapacidade. É pouco, eu sei, mas, apesar de tudo, é um dever meu». Não é verdade que os que têm coração pobre entendem os Pobres? E são agradecidos pela oportunidade do bem que se lhes oferece. Bem hajam!

«Envio junto um cheque. Sou viúva dum médico; faço 88 anos no dia 14 de Julho e vivo com uma pensão de 18 contos. Por isso não posso enviar o que o meu coração desejava.» É ferro em brasa a queimar os corações endurecidos e afezados por um egoísmo selvagem ou embalados em vida cómoda e indiferente. Não se podem calar os valores da generosidade, do compromisso militante com os Pobres, da renúncia alegre e saudável.

«Sou reformada e tenho 65 anos. Aceitai estes grãos de areia de uma avó que, também, está a braços com dois netinhos, o Pedro de nove anos e a Diana de quatro.» Verdadeiras páginas doiradas, do livro para todas as idades! Bem sei que são desconhecidas. Por isso esta coluna pode ser uma coluna de fogo à frente do povo em marcha por todos

os caminhos à procura da Terra Prometida. Ali todos se encontram e vivem como irmãos.

«Sou já uma velhinha de 85 anos e não deixo de ler todo O GAIATO logo que o recebo. Quando recebi a reforma, pensei logo enviá-la e juntei mais 10.000\$00. Por meu gosto, seria até muito mais. Que Deus dê a todos os que trabalham em tão linda Obra muita saúde e vontade de trabalhar.» A carta, a letra, a terra (o Alentejo) falam do horizonte em que vivem as almas boas que são fermento activo na comunidade das pessoas. Quanta delicadeza! Quanta amizade! Não há idades nem tempos para fazer o bem. Sempre.

## Mundo dos reformados e pensionistas

«Junto envio cheque. Que o Deus Menino continue a ser a vossa força na luta quotidiana que todos vós abraçais com tanto zelo e carinho. Por mim dou graças ao Senhor por sempre me ter dado muito... Com os meus 68 anos e o coração a acusar deficiências, apenas posso contribuir com este gesto mínimo. Disponho da minha pensão em favor de irmãos que precisam de mim...» Não saímos ainda do mundo dos reformados e pensionistas. São vezes que não falam de si. Esquecem-se para lembrar os outros. Do pouco que recebem e têm, tiram para os demais que não recebem nem têm. Partilha humana. Partilha fraterna. E sempre alegres! Páginas desconhecidas dos *écrans* e dos grandes meios de comunicação social. Páginas cheias de vida. O calor que faz o mundo mais humano é irradiado pelo sangue que corre nas veias destas criaturas.

«Gostaria de mandar mais, mas... há sempre o mas... a reforma não chega para tudo.» Quem faz o que pode a mais não é obrigado. Por certo os pecados de omissão pesam muito em nossas consciências. Basta-nos um pouco de reflexão. Que são matéria do Juízo Final parece não haver dúvidas.

«Peço desculpa de, só agora, pagar a minha inscrição, mas vai sempre a tempo. O que seria preciso é que fosse em maior quantidade, mas, por aqui também há Pobres a quem é preciso ajudar. Também tenho filhos e netos que precisam. Por meu lado, não sou mais do que um reformado.» Não se entende com facilidade que uma família como esta tenha tempo e disponibilidade material para pensar nos Outros. Mas é verdade. Mais luz para colocar sobre o alqueire a fim de

iluminar a casa dos que não têm tempo, nem meios, nem mãos para dar. São chicotadas preciosas para nos colocarem no caminho certo. A consciência necessita de pontos de referência seguros para endireitar seus juízos.

## Quem ama a sério nunca perde

«Desde que me reformei fiz o propósito de dar 10% da minha pensão que é mínima, para quem precisa. Por isso, envio um cheque que serve para O GAIATO e para aquilo que melhor vos parecer.» Uma simples penada mostra uma decisão.

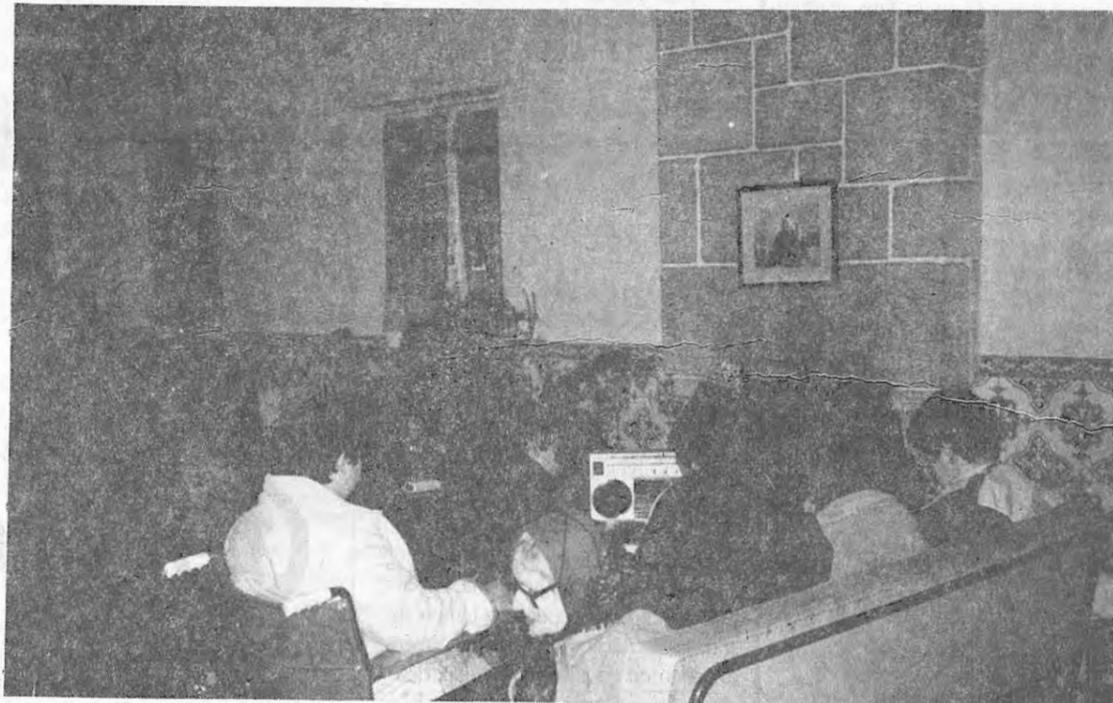
Os indecisos, os medrosos, ficam aquém da margem que os chama. Deixam sempre um mundo vazio que lhes compete encher. No seu íntimo instala-se a tristeza, a inquietação. Não têm paz. Têm receio de arriscar porque temem perder. Mas quem ama a sério nunca perde.

«Somos reformados, tanto eu como minha mulher e, por aquilo que Deus nos tem dado, dia a dia, resolvemos que o aumento que tiveram as nossas pensões de reforma e algo mais, os distribuíssemos pela Casa do Gaiato. É uma migalha muito pequenina, oferecida com muito amor à vossa Obra.» A recomendação de que não se dê a conhecer quem oferece é mais um apelo da raiz da Obra da Rua. Heróis desconhecidos, anónimos, humildes, encontram-se na vanguarda dos obreiros.

«Estou na dúvida se foi entregue o meu donativo. Dou com muito amor, mas também com sacrifício porque sou reformada e ando todo o ano a poupar para assim poder ajudar.» Quando dizem que O GAIATO é uma página do Evangelho encontramos nestas pessoas os seus autores. Nós queremos seguir-lhes os passos. A Obra da Rua não tem outra explicação, agora e desde que nasceu, para continuar a existir com a confiança que nela depositam. É o povo que explica.

«Desculpe só hoje mandar dinheiro, mas a minha falta de saúde, as doenças, os meus 86 anos, não me deixam cumprir os meus deveres. Com a fraca pensão do Estado, de 22.200\$00, sem mais nada, lastimo não poder ser mais pontual. Mas Deus há-de ajudar-me, enquanto viver, a ir mandando sempre que possa.» É a fraqueza a confundir os fortes.

Padre Mannel António



Doentes do Calvário, no aconchego da lareira.

## DOCTRINA



...para ser totalmente nosso

- Assentámos arraial no dia marcado, nas margens do rio Ceira, e logo nas primeiras horas houve sangue de rixas, em cabeças rachadas: o «Zé Mau» vem pior este ano! Bem haja quem me ofereceu uma ambulância, ricamente instalada em sua caixa e muito bem fornecida. Temos o número dos gaiatos excedido em quatro; dois passaram na malha do embarque e dois vieram cá ter no dia seguinte. As pessoas amigas não devem fazer estas violências com o costumado «aceite mais um que ele dorme até no chão». É impossível remar assim. Coisas desta natureza, ou se fazem bem feitas ou não se fazem absolutamente.

- Quem convida crianças para colónias de terra ou de mar, constitui-se por isso mesmo na obrigação moral de as instalar comodamente: cama e talher individuais, espaço, abundância, carinho. Géneros de primeira, bem cozinhados e bem servidos, em variedade e suficiência. Assistir e corrigir à mesa, nos passeios, no banho, nas camaratas, na igreja. Ora é necessário que o número de colonos nunca exceda cinquenta, para se poder fazer bem feito o bem que se procura fazer. Obras de fachada interior lêem todas assim. Para desordem e fome, basta-lhes o tugúrio.

- Os catraios são nossos hóspedes pobres! São ovelhinhas do rebanho do Bom Pastor, que toma como feito a Si mesmo todo o bem que fizermos a elas. Quanta responsabilidade não cai sobre os ombros de quem omite fazer o Bem! Porque o Bem que no mundo deixarmos de fazer, podendo tê-lo feito, também é matéria posta no Tribunal de Contas! Vale bem a pena meditar um nada, nesta verdade eterna.

*D. Amín: 5!*

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

# O Problema da Habitação

Quem me dera poder anunciar-vos que a viúva, aqui falada, ainda muito nova, com três filhos, em risco de prostituir-se, estava instalada em sua casa nova. Não, não vos comunico essa grande alegria. Passei por lá, hoje, e vi o casebre onde vivem, por mal dos nossos pecados. Cruzei-me com muitos carros e gente sem conta, que a morada actual fica junto à estrada nacional. Ninguém se apercebia da desgraça iminente ali ao lado. Importa dar a mão antes de se consumir a tragédia. Os primeiros passos foram dados quando o marido era vivo. Conseguir terreno. Levantou as quatro paredes. Depois morreu. E agora? É a hora da comunidade. Sim, é a hora da comunidade dar as mãos para que a obra começada, vá até ao fim. Se o pároco tomar a dianteira, erguendo bem alto a Palavra, no lugar próprio e de modo que o povo entenda, a casa não demorará muito a chegar ao seu termo. O telhado ficou à vista, seguro num cheque que deixei ficar como sinal de confiança e esperança. E mais outro, que ali perto vive uma mulher solteira com dois filhos maiores e dementes, todos juntos no mesmo «barraquito».

É um desafio lançado às comunidades rurais. Se o problema da habitação é gravíssimo nos centros urbanos, não se permita que o seja no campo. Se não se acudir, a tempo e horas, a um ou outro caso, será muito mais difícil depois. É um verdadeiro desafio lançado às Autarquias, à Igreja, à capacidade de grupos mais ou menos organizados.

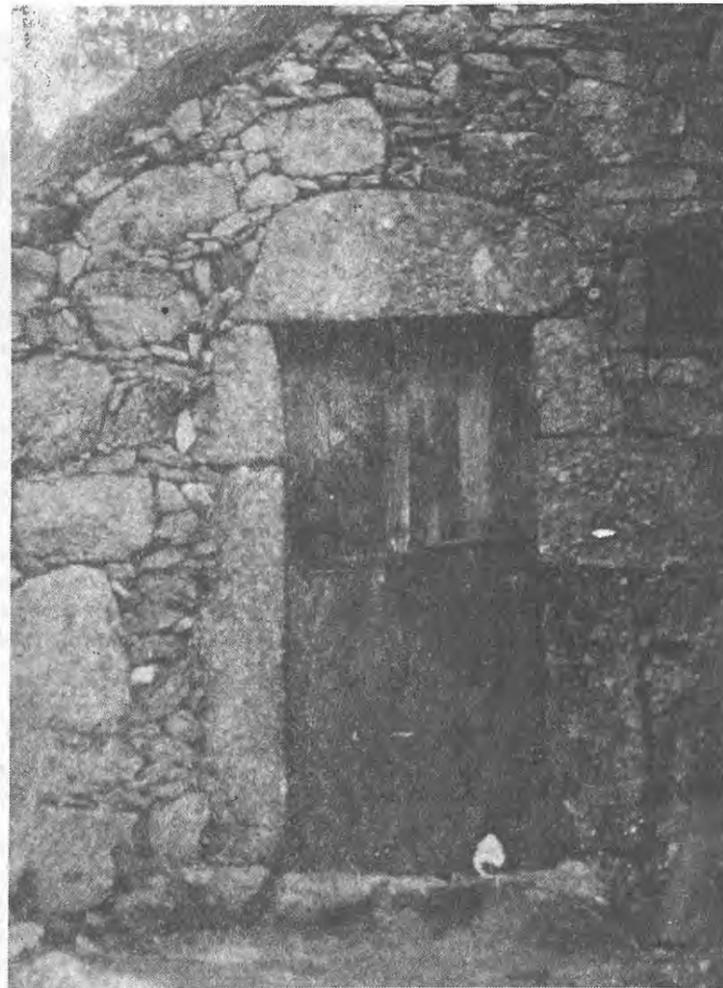
A propósito dos dois casos acima tratados, o pároco dizia-me: «Ambos têm possibilidade de melhorar bastante a sua precária habitação, no que diz respeito a espaço. Já foi conseguida uma pequena ajuda da

Câmara Municipal. Com uma ajuda vossa e com a colaboração da Conferência Vicentina e da população, estou certo de que podemos contribuir para melhorar as condições de habitação destas duas famílias». Que maravilha! Uma comunidade viva faz-se com obras. Por elas chegamos à Fé. O Fundo do Património dos Pobres quer ser o rastilho para incendiar as paróquias, as comunidades, os grupos. As Conferências Vicentinas são um alvo a atingir. Onde elas existem confrontadas com problemas como o da habitação e os tomam como seus e da Igreja de que fazem parte, estão vivas e agitam a consciência da comunidade. É que se trata dum problema comunitário que ninguém pode resolver sozinho.

Fui ver a casa em construção dum casal com três filhos a quem a doença não poupou em momento tão decisivo. Quem lhe valeu em primeiro lugar? Foi a paróquia. Depois, e só depois, estende a mão para fora! O Património dos Pobres não faltou; agarrou a mão e entrou na comunidade. A Conferência Vicentina, nascida há dois meses, teve a sua prova de fogo com este caso e que bem se saiu!

Noutra terra há boa vontade mas falta o terreno onde os Autoconstrutores pobres possam construir à luz do dia. Quem esbarra nestas dificuldades pode desanimar. Quem dera que não! O sulco vai-se abrindo, pouco a pouco, deixando à mostra a coragem, o sangue, a generosidade dos cabouqueiros que é fonte de inspiração para realizar obras maiores. Mas o sangue, que é vida, corre no sulco escondido, pequenino, aberto nas paróquias, nas comunidades, nos grupos.

Padre Manuel António



Se o problema da habitação é gravíssimo nos centros urbanos, não se permita que o seja no campo — nas regiões do interior.

## Novos Assinantes

A correspondência sobre novos assinantes traz sempre algo de novo. Curiosamente, algumas presenças referem Pai Américo — um rasto de luz da Luz.

Vale a pena recordar, no que se refere a O GAIATO que lhe nasceu no peito, escrito com sangue dos Pobres, idêntico ao de Cristo por quem se enamorou e anunciou do fundo do coração, o valor que atribuiu ao pequenino mensageiro, canal de Água Viva que brota de muitas nascentes. Por isso, nos primeiros tempos em que era tão só (passe a expressão) e se repartia por um mundo d'acções, chegava a escrever O GAIATO nos comboios, nos aviões, nas salas de espera dos ministérios, onde era possível, para que o jornal sáfesse a tempo e horas. Que importava os erros de gramática e as *gralhas* que até lhe serviram para notas com tanta poesia!

«Começo por render a minha homenagem ao querido Pai Américo, homem que escandalizava (...) com o seu exemplo, de como pôr em prática o Evangelho», sublinha um leitor de Águas Santas.

Admirável, a presença de Amigos que chegam pelo seu pé. Lisboa: «Ao fim de tanto tempo de boas intenções, venho finalmente fazer parte da lista de assinantes d'O GAIATO, passando assim às obras». Acrescenta: «Que Deus, por intercessão do Padre Américo, continue a olhar pela Obra da Rua, ajudando-a a crescer, pois cada dia é mais necessária». Figueira de Castelo Rodrigo: «Não sou assinante nem tive contactos com a Obra da Rua, embora tenha dela um conhecimento relativo». Dá nome e morada, recomendando «apenas uma oração pelos meus pais — que me ensinaram a pensar nos Pobres».

Boas notícias daqueles que espalham o Famoso por todo o lado — dos locais de trabalho aos de lazer. Listas recheadas: de Valença, Paço de Arcos, Albergaria-a-Velha, Angeja, etc. Afirmo um destes peregrinos: «O GAIATO acusa as consciências, mesmo daqueles que se julgam justos e sem pecado».

Relevo mereço, também, a expansão do Famoso no seio das famílias, especialmente endossado aos mais jovens, para que o testemunho passe de geração em geração — como tem acontecido. Assinante 3332, da Parede: «Ele há uma fraqueza que robustece e um desalento que levanta — li na coluna Doutrina, do Padre Américo. Preciso, hoje mesmo, dela. O Pai sabe bem quando precisamos das coisas. Inscrevam a minha filha, médica; e, meu Deus, quanto amor é preciso para se ser bom médico! Faça-o porque creio que a leitura d'O GAIATO fará com que mais facilmente se abram as cortinas que deixam entrar a Luz do Amor».

Outeiro Seco: «Sei, por experiência própria, pois sou assinante há muitos anos, o bem que transmite o jornal. Por isso, resolvi que minha irmã pudesse também colher bons frutos com uma assinatura d'O GAIATO».

Assinatura 16189: «Peço que considerem os meus filhos como novos assinantes do Famoso, leitura formativa e basililar que espero lhes aproveite e ajude na sua evangelização».

Abordaram-nos tantos pais com a mesma intenção, de todas as partes do mundo onde pulsa um coração português!

Júlio Mendes

Chegou a Quaresma. Multiplicam-se os apelos à conversão. O Povo de Deus é convidado a um maior aprofundamento da fé. Mensagens de partilha e solidariedade aparecem por todo o lado, desde o Papa aos Bispos. Espero em Deus que os resultados não se traduzam apenas em mais alguns cobres para obras aqui ou ali.

Decidi meter-me também neste tema. Embora o assunto não seja propriedade de ninguém, dada a autoridade de quem fala e a solenidade com que se fala, até tenho medo de me meter. Mas é, talvez, a minha maneira de partilhar este tempo.

Não gosto deste tempo. Não é pelo facto de ainda não ter feito as pazes com o episódio de infância que sempre me lembra na Quaresma. Tinha os meus 7 anos e, depois de um dia de laborioso esforço, consegui arrancar ao ramo de um salgueiro, um píffaro. Sentado na escada que subia para minha casa, comecei a tirar as primeiras pifaradas de sons, em falsete, nada respeitadoras da escala diatónica. Logo a mão de minha mãe me tira o instrumento e diante dos meus olhos arregalados, sem nada perceber, explica: — É sexta-feira da Quaresma. Ficou-me, assim, uma imagem da Quaresma como um tempo em que se priva um menino de usar do seu píffaro.

Outras experiências se vieram juntar. Houve mesmo uma fase em que sentia má consciência. Propunham-me sacrifícios e penitências, como a pedra no sapato ou privações disto e daquilo. Não sentia qualquer inclinação para isso e acabava por me encontrar de mãos vazias diante dos outros. A Quaresma era para mim um tempo de derrota.

Hoje, guardo da Quaresma, sobretudo, a experiência de um tempo de sofrida libertação. Sentirmo-nos libertos disto ou daquilo é uma experiência de paz e alegria interiores que nada nem ninguém pode pagar. Chegar aí,

## ENCONTROS

### EM LISBOA

é tempo de sofrimento, de dúvida, de medos, de confusões, de hesitações, de riscos, de tentativas de fuga...

Não sei se têm sido os acontecimentos a virem ter comigo, se sou eu que procuro os acontecimentos. Sei, isso sim, que me tenho deixado envolver e, a voz do profeta tem sido palavra viva: «Rasgai o vosso coração e não as vossas vestes». Quanto isto custa! É que o fruto só se vê depois.

No momento, é preciso correr o risco, sem garantias. Deixar as terras conhecidas do nosso aconchego e abrir o coração a novas gentes cria o receio e, por muitas contas que façamos, a feliz novidade, na sua plenitude, só se descobre depois de darmos o salto.

Há dias, fui chamado a um bairro de lata, essencialmente construído por africanos. Forma uma espécie de ilhéu no meio de uma linda aldeia. Vimos cinquenta famílias. Falaram-me numas setenta a oitenta crianças. Muita desorganização do espaço e das coisas. Sobretudo, falta de regras mínimas de higiene. A construção é muito pobre, mas, pelo menos, na maioria, é em tijolo e rebocada a cimento.

Muito há a fazer ali. Faltam pessoas. Quem me acompanhava disse: «Nem sequer para dar catequese se consegue ninguém. Têm medo. Às vezes, fico com mais de cinquenta crianças. Não consigo fazer nada».

Aqui está uma Quaresma à espera. Não se trata de gente que partilhe a carteira. Trata-se de gente que partilhe a vida. Medos aparecem, mas a alegria de irmos mais longe, de arriscar, de dar algo de si, de rasgar o coração é o salto qualitativo necessário para que a Páscoa seja a de Jesus Cristo.

P.S. — Gratos aos Amigos do Centro da C. P. Bremen (RFA) que através de M. Pais nos fizeram chegar 1000 DM.

Padre Manuel Cristóvão

### IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



# Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898